

REFLEXÕES SOBRE A INCIDÊNCIA DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE UNIVERSITÁRIOS AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Marciano Sanca¹

Prof. A Dr, Leilane Barbosa de Sousa

RESUMO

Objetivou-se refletir sobre a incidência de IST's entre universitários africanos. Trata-se de um estudo de reflexão em que se realizou busca de artigos por acesso on-line nos meses de abril de 2023 a dezembro de 2023. Os resultados foram discutidos em dois aspectos: 1) As fontes de informação dos universitários africanos de língua portuguesa; 2) construção do conhecimento sobre IST e uso do preservativo com base em crenças e Influência de hábitos e costumes sobre atitude e prática dos universitários africanos de língua portuguesa sobre IST e o uso de preservativos. Conclui-se a partir das reflexões apresentadas que que universitários possuem conhecimentos mais sobre HIV do que outras IST, o que pode deixá-los mais vulneráveis a várias doenças sexualmente transmissíveis. Ainda assim, pelo grau que ocupam nesse cenário mundial, existem lacunas do conhecimento com base nas informações inadequadas baseadas em crenças errôneas, como transmissão do HIV por insetos, por beijo e uso da camisinha mais de uma vez. Identificou-se que, embora o conhecimento seja de suma importância nesse contexto, não figura como único e principal orientador das práticas e comportamentos dos jovens, o que enseja a realização de estudos que avaliem os fatores associados às condutas adotadas pelo grupo.

Palavras-chave: Doenças sexualmente transmissíveis; Universitários; prevenção de doenças; conhecimento.

¹ Discente de curso de enfermagem pela universidade da integração internacional da lusofonia Afro Brasileiro-UNilab

² Orientadora. Docente na universidade da integração internacional da lusofonia Afro Brasileiro-Unilab

ABSTRACT

The aim was to reflect on the incidence of STIs among African university students. This is a reflective study in which articles were searched online from April 2023 to December 2023. The results were discussed in two aspects: 1) Sources of information for Portuguese-speaking African university students; 2) knowledge construction on STIs and condom use based on beliefs and the influence of habits and customs on the attitudes and practices of Portuguese-speaking African university students regarding STIs and condom use. It is concluded from the reflections presented that university students have more knowledge about HIV than other STIs, which can make them more vulnerable to various sexually transmitted diseases. Nevertheless, given their position in the global scenario, there are knowledge gaps based on misinformation arising from erroneous beliefs, such as HIV transmission by insects, kissing, and using condoms more than once. It was identified that, although knowledge is of paramount importance in this context, it does not serve as the sole and primary guide for the practices and behaviors of young people, which calls for studies to evaluate the factors associated with the behaviors adopted by the group.

Keywords: Sexually transmitted diseases; University students; disease prevention; knowledge.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, têm-se vivenciado um processo de ampliação do acesso ao ensino superior no País. Assim, mais jovens adentram as universidades, ampliando e diversificando as discussões e os debates relacionados a diferentes temáticas, particularmente aquelas que afetam direta e indiretamente a vida dos acadêmicos (BARROS, 2015).

Nesse âmbito, o comportamento sexual dos universitários se destaca por ser uma temática que permanece em debate ao longo do tempo, independentemente do espaço acadêmico em que ele acontece. Sua complexidade é evidente ao se observar que ele é um resultado das relações sociais e subjetivas estabelecidas entre os estudantes e o seu novo *status*, tendo como base ainda os princípios instituídos e vivenciados no seio familiar e

experiências prévias (MOREIRA; SANTOS, 2011). A heterogeneidade dessa temática torna-se mais acentuada quando se analisa os estudantes que buscam instituições de ensino superior no exterior, porque, além dos fatores já mencionados, a vivência de uma nova realidade, com diferentes costumes e hábitos de vida, contribui para mudanças das atitudes sexuais (MOREIRA; SANTOS, 2011).

No tocante às relações afetivas dos universitários, um ponto que merece destaque é o comportamento de risco adotado por grande parcela deles ao ingressarem na Universidade. Estar em contato com pessoas diferentes, com concepções culturais distintas, a maior pressão em ter responsabilidade e independência financeira, o maior contato com álcool e outras drogas e a prática de sexo inseguro colocam em risco à saúde daqueles indivíduos, aumentando a ocorrência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), (CAMPO-ARIAS; CEBALLO; HERAZO, 2010).

As ISTs são condições causadas por diferentes microrganismos, como: vírus; bactérias; e protozoários, independentemente de sua etiologia, estes patógenos são transmitidos principalmente pelo contato sexual com uma pessoa infectada sem uso, ou uso incorreto, de preservativo. Por difícil controle de disseminação, as ISTs constituem um importante problema de saúde pública, particularmente em países emergentes e em desenvolvimento, estando vinculadas às patologias mais prevalentes e a mais óbitos. Além disso, são infecções de difícil detecção, apresentam poucos sintomas visíveis e, às vezes, manifestam-se de forma assintomática. Sua repercussão transpassa o estado físico do indivíduo, estendendo-se aos aspectos econômicos, sociais e psicológicos (Martins, 2013).

Ao nível do continente africano de língua portuguesa, os dados apontam que a infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) tem maior predominância. Todavia, não é a único IST prevalente no continente (CHAVES, 2022). Em relação ao HIV, uma IST de notificação compulsória, o relatório da CPLP e UNISIDA revela que esta infecção tem sido um problema nos países africanos de língua portuguesa, tendo em vista problemas governamentais e falta de recursos ou matérias necessários para resolver essas vulnerabilidades (MINISTÉRIO DE SAÚDE, 2018).

Em Angola os dados mostram que desde 1985, quando o primeiro caso de HIV em foi reportado, até o final de 2016, estima-se que cerca de 280.000 pessoas viviam com HIV, das quais 59% correspondiam ao sexo feminino. A epidemia do HIV/sida em Angola é classificada como generalizada, com uma prevalência de 1,9% em indivíduos com faixa etária de 15 a 49 anos (2,2% em mulheres e 1,5% em homens), (MINISTÉRIO DE SAÚDE, 2018).

Em Cabo Verde, os dados mostram uma disparidade entre os sexos, indicando que a infecção pelo HIV afeta mais homens do que mulheres (respectivamente, 1,1% e 0,4%). Entretanto em mulheres gestantes, os dados mudam. Segundo o programa de monitoramento de gestantes, a tendência de infectividade varia entre 0,7% e 1%. As faixas etárias mais afetadas são as de pessoas idosas, com uma prevalência de 2,5% no grupo etário de 45-49 anos, e de 2% entre os de 25-29 anos. De 1987 a 2014, o número acumulado de casos relatados de VIH/sida foi de 4.946, incluindo 1.766 na fase de sida e 1.066 óbitos. Em relação à evolução da mortalidade por HIV/sida, um relatório estatístico do MS mostra que a taxa de óbitos por 100.000 habitantes varia entre 15,2 e 14,5 em 2010 e 2014, respectivamente. (MINISTÉRIO DE SAÚDE, 2018).

Do ponto de vista epidemiológico, Guiné-Bissau está experimentando uma epidemia de HIV generalizada, com uma prevalência de 3,3% na população geral – 1,8% de HIV-1, 0,9% de VIH-2 e 0,7% com perfil duplo (estudo de soroprevalência na população geral, INASA, 2010). O país é um dos poucos em que ambos os tipos de vírus HIV (HIV-1 e HIV-2) são encontrados. A prevalência global do HIV é maior nas áreas urbanas (3%) do que nas áreas rurais (2,3%), e é maior entre as mulheres (5%) do que entre os homens (1,5%). Estima-se que 6,9% das mulheres (entre 15 e 49 anos) estejam infectadas com HIV-1, com disparidades significativas entre as regiões. A epidemia de HIV na Guiné-Bissau, compreende cerca de 36 mil pessoas infectadas (34.000-47.0000), das quais 12 mil estão em tratamento (33% em 2016), representando um número três vezes maior em relação a 2010 (3.800) (MINISTÉRIO DE SAÚDE, 2018).

Moçambique vive um ambiente de severa epidemia do HIV/sida. Estima-se que 1,8 milhão de pessoas vivam com o HIV no país, dos quais 36% são homens e 53% são mulheres maiores de 15 anos; 11% dos infectados são crianças de 0 a 14 anos. A epidemia tem um caráter heterogêneo em termos geográficos, sociodemográficos e socioeconômicos: mulheres, moradores de áreas urbanas e pessoas que residem nas províncias da região Sul e Centro são as mais afetadas pelo VIH/sida. Cabo Delgado, na região Norte, também é uma província com alta índice de infecção. A principal via de transmissão continua sendo a sexual (heterossexual) em cerca de 90% dos casos em adultos. De 2010 a 2016, esse número decresceu em 46% e em 2016 estima-se que 83.000 novas infecções tenham ocorrido. O número de óbitos também diminuiu, porém, de forma menos acentuada (24% no mesmo período) e, em 2016, 62.000 pessoas morreram por doenças relacionadas ao HIV (MINISTÉRIO DE SAÚDE, 2018).

Os dados de HIV em São Tomé e Príncipe indicam que o primeiro caso foi reportado em 1987 e notificado em 1990. O país apresenta uma epidemia fraca de HIV/AIDS, embora o

país teme que haja aumento de casos no futuro devido à fragilidade econômica e social existente no país. A prevalência do HIV na população são-tomense era de 1,5% em adultos dos 15 aos 49 anos, sendo que os homens apresentavam uma prevalência de 1,7% comparativamente com as mulheres (1,3%) (BONFIM, 2020).

Entretanto, além da elevada incidência e prevalência, as ISTs se destacam pela sua diversidade e gravidade, comprometendo não apenas a saúde sexual, reprodutiva e materna fetal, mas também a própria vida do indivíduo infectado. De fato, as ISTs podem resultar em distúrbios emocionais, doença inflamatória pélvica, infertilidade, gravidez ectópica, cancro do colo do útero e a no genital, além de facilitar a propagação e a aquisição do HIV (AZEVEDO et al., 2014, Martins, 2013).

O método mais eficaz para evitar a transmissão das ISTs é uso da camisinha (masculina ou feminina) durante relações sexuais. Vale ressaltar que a prevenção combinada aumenta a eficácia preventiva, está se caracteriza pela combinação de dois diferentes métodos contraceptivos, geralmente um se caracteriza como de um método de barreira e outro, como hormonal (ARAÚJO et al., 2020).

Entretanto, sabe-se hoje também que para realizar a prevenção é preciso trabalhar pela “promoção da saúde, pelo aumento da capacidade das pessoas, dos grupos e da comunidade em geral de se proteger e trabalhar pelo enfrentamento coletivo dos problemas sociais que afetam a nossa saúde” assim sendo pode ser feito acolhimento que visa esclarecer as dúvidas das pessoas e ter uma boa escuta qualificada, a sensibilização e orientação sobre risco à sua saúde. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p 11).

É importante ressaltar que com conhecimento adequado e uma prática segura, saudável e tendo atitudes corretas pode-se prevenir as ISTs, garantido assim menos riscos de uma prática sexual inadequada. Neste âmbito é necessário fazer um levantamento dos dados sobre o conhecimento dos universitários africanos e as práticas sexuais desprotegidas, visto que a maioria tem um pouco de conhecimento ou são mais vulneráveis a essa temática. (CHAVES et al. 2022).

Com base na importância que as infecções e as doenças sexualmente transmissíveis assumem na sociedade e nas políticas públicas, no cenário dos países africanos de língua portuguesa, associado à repercussão que elas propiciam na qualidade de vida dos universitários, foi desenvolvido este estudo reflexivo cujo objetivo é refletir sobre a incidência de IST's entre universitários africanos.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo descritivo, de cunho teórico reflexivo sobre a incidência de infecções sexualmente transmissíveis entre universitários africanos de língua portuguesa.

Segundo o delineamento a pesquisa qualitativa é um estudo que é construído numa perspectiva em que um fenômeno possa ser melhor compreendido no contexto em que ele ocorre e do qual faz parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada (Melo et al, 2021)

Foi realizada uma busca de artigos online nos meses de abril de 2023 à dezembro de 2023 e as buscas foram no google acadêmico sem delimitação dos anos devido dificuldades na busca dos artigos recentes sobre o tema.

O caráter epistemológico da teoria abarca uma explicação teórica ou interpretação filosófica do conhecimento humano, importando-se com as relações estabelecidas entre sujeito e objeto.

A síntese desse trabalho foi realizada com análise reflexiva em dois aspectos temáticos, a saber: conhecimento dos universitários africanos de língua portuguesa sobre infecções sexualmente transmissíveis e uso de preservativo; e Atitude e prática dos universitários africanos de língua portuguesa sobre infecções sexualmente transmissíveis.

RESULTADOS

As fontes de informação dos universitários africanos de língua portuguesa e construção do conhecimento sobre IST e uso do preservativo com base em crenças

O conhecimento é um fator muito importante quando se refere à prevenção das IST, não apenas sobre o uso de camisinha, mas também acerca dos aspectos presentes no cenário das IST, como por exemplo, a transmissão, sinais e sintomas e os tipos de tratamentos. Assim sendo, o indivíduo, torna-se consciente sobre os riscos das infecções sexuais e a melhor forma de evitar as suas consequências (MELO et al., 2021).

Referente ao conhecimento dos universitários angolanos sobre uso de preservativo, Simaria (2002), que avaliou os comportamentos sexuais de risco e crenças de saúde de 198

universitárias face ao HIV/SIDA com a faixa etária de 19 a 25 anos, verificou que a maioria dos jovens angolanos inicia uma vida sexual precoce antes dos 16 anos. Essa literatura aponta que o início da prática sexual está cada vez mais precoce devido às razões relacionadas aos fatores sociais e culturais. Relativamente esses fatores acabam levando os jovens com maior vulnerabilidade a contrair IST devido à falta de conhecimento.

Na realidade guineense sobre o conhecimento de universitários em relação ao uso de preservativo para prevenir IST, estes apontam que a bases das informações que possuem, advém de forma tradicional, ou seja, da escola por meio das palestras e lugares públicos onde se encontram panfletos das campanhas de conscientização dos agentes de saúde. No estudo conduzido por Nbundé (2014), alguns participantes demonstram falta de conhecimento sobre o tratamento do HIV, e ainda associam a infecção pelo vírus com a morte, pelo fato da Sida não ter cura. Assim, as pessoas que vivem com HIV são vistas como um mal da sociedade ou são isoladas.

Segundo Chaves (2022), quanto ao conhecimento sexual dos universitários africanos de língua portuguesa, observa-se que possuem mais conhecimento acerca da transmissão de HIV/AIDS; porém, foram verificadas algumas lacunas de conhecimento acerca de outras infecções como as hepatites virais, por serem pouco divulgados na mídia. Logo, os universitários africanos de língua portuguesa parecem não conhecer outras IST além do HIV, o que os tornam mais vulneráveis, uma vez que muitos não sabem informações básicas sobre a forma de transmissão e como prevenir essas IST.

Sobre conhecimento dos universitários cabo-verdianos acerca de IST, segundo Silva (2014), na sua pesquisa com estudantes da universidade Jean Piaget (Unipiaget), dos 19 cursos de graduação num total de 893 entrevistados onde a maioria são mulheres, a maioria dos inquiridos desconhecem que HIV se encontra no sêmen, e outros ainda afirmaram que o HIV pode ser transmitido através de picadas dos insetos. Muitos ainda afirmaram que não sabem que o preservativo não deve ser usado duas vezes. Sobre a prevenção, a maioria afirma que o uso de preservativo diminui a chance de contrair IST, mas houve desconhecimento sobre a forma de transmissão e de prevenção.

De acordo com Na Bangna (2007), quanto ao conhecimento sobre a forma de transmissão ou prevenção dos escolares, a maioria relatou que pode ser por sexo inseguro ou sem proteção, trocas de matérias cortantes e na doação de sangue, sendo a maior forma de prevenção é por meio de uso de preservativo. Embora alguns ainda não saibam a forma de transmissão, relataram que pode ser mediante picada de mosquito, beijo, contato social, ou no ambiente familiar (comendo e dormindo junto) com pessoa soropositivo.

Segundo Tavares (2009), na sua pesquisa realizada com adolescentes de 13 a 17 anos de Ilha de Santiago (cabo-verde), sobre conhecimento das IST, a maioria declarou que as fontes de informações sobre IST/AIDS, gravidez indesejada e forma de prevenção se deram mediante amigos e TV, rádio e jornais, mas a maior fonte de informação citada foi a escola, na qual ocorre troca de conhecimento entre amigos que conversavam sobre o assunto e a maioria conhecia métodos anticoncepcionais antes das suas primeiras relações. Pressupõe-se que os conhecimentos equivocados acerca das IST e uso do preservativo entre universitários provém de fontes de informações inadequadas desde o período escolar, quando esse conhecimento, por vezes, pode ser construído com base não científica.

Perante esse cenário é visto que os pais têm medo de educar seus filhos acerca da sexualidade e contraceptivos, devido ao temor de promover ou incentivar a atividade sexual nos adolescentes, por isso os jovens não recebem informações para a tomada de decisões seguras sobre sexualidade. Isto é o não cumprimento do dever perante os adolescentes quando educadores não abordam estas questões ou quando os pais e administradores escolares servem de barreiras para informação pertinente (NA BANGNA, 2007).

Influência de hábitos e costumes sobre atitude e prática dos universitários africanos de língua portuguesa sobre IST e o uso de preservativos

Quanto à percepção do uso de preservativo dos universitários angolanos, a maioria concorda que a razão de não usar preservativo está relacionado à diminuição de prazer durante relação sexual com parceiro, esses fatos se baseiam no comportamento da primeira relação sexual, segundo relato dos universitários mostram que se for utilizada preservativo logo na primeira relação sexual o ato tende se a continuar a usar preservativo na relação seguinte enquanto os que não usarem na primeira relação (SIMARIA, 2002).

Em relação os fatores associados ao casamento, é notório que os jovens angolanos se casam muito cedo e também é comum a prática de poligamia (essa prática se baseia no casamento entre o homem e mais de uma mulher) fazer parte da relação conjugal. Esses fatores interferem nos comportamentos sexuais, e com falta de controle pode levar a transmissão de IST (SIMARIA, 2002).

Universitários africanos de língua portuguesa com parceria sexual fixa tendem a usar menos preservativo do que os que têm uma ou mais parceiras. Também é visto que homens tendem a procurar menos serviços de saúde do que mulheres, acabam sendo os que mais

apresentam infecções crônicas, uma vez visto que mulheres procuram mais serviços de saúde diante de qualquer sintoma (CHAVES et al., 2022).

Segundo Chaves (2022), a maioria dos universitários africanos de língua portuguesa iniciou atividades sexuais entre 16 à 18 anos, e não fizeram uso do preservativo na sua primeira relação, o que pode torná-los mais vulneráveis a contrair IST, pelo fato que a maioria tem dificuldade de falar sobre o uso de preservativo na relação sexual.

Quanto ao comportamento dos universitários cabo-verdianos acerca do uso de preservativos, estes afirmam que raras vezes o usam, justificando que diminui o prazer no ato sexual, mas como existe a prática de jovens terem mais de um parceiro, isso acaba levando alguns dos jovens a usarem preservativo para diminuir chance de contrair IST. Esta situação de irregularidade no uso do preservativo pode estar associada ao tipo de relacionamento. Nos casos de relação estável com parceiro fixo, a tendência é não usar o preservativo, só é usado quando a pessoa tem um ou mais parceiros. A maioria iniciou suas atividades sexuais nos 16,5 anos e afirmam não usar preservativo na primeira relação, tendo em vista que a maioria usa métodos contraceptivos (SILVA, 2014).

No que diz respeito à frequência de práticas homossexuais, apenas 7 (0,8%) responderam ter tido ou tem relações com pessoas do mesmo sexo, evidenciando o predomínio da heterossexualidade entre os jovens investigados. Apesar da homossexualidade ser um facto em África, ainda não é visto como uma prática aceitável da sexualidade humana por certas culturas locais. Devido ao preconceito e como pretexto de preservação de valores culturais africanos, Cabo Verde não foge à regra (SILVA, 2014).

Em Cabo Verde a oferta de preservativo é gratuito nos Centros de Saúde como nos outros países africanos da CPLP, porém a baixa frequência de uso pode estar relacionada com desinteresse ou vergonha, ou ainda por motivos de procura de sensações sexuais, ao ser visto que nos resultados obtidos pelo entrevistador é frequente a opinião de que o preservativo diminui o prazer, quase 70% consideram que sim, variando de “às vezes” à “sempre” ainda outra possível razão para o baixo uso pode estar associado ao papel da percepção da autoeficácia enquanto competência comportamental para adoção e manutenção de comportamentos sexuais preventivos. (SILVA, 2014)

Segundo Tavares (2009), quanto ao comportamento sexual dos escolares cabo-verdianos, a maioria declarou que usaram preservativo na primeira relação para evitar gravidez indesejada e evitar IST/AIDS.

Em Moçambique, segundo Oliveira (2016), na sua pesquisa numa das conversas informais com universitário notou-se que os comportamentos e atitudes dos estudantes no que

se refere a ISTS, aids/HIV, a maioria não confia tanto na eficácia de preservativo para prevenção de por motivos culturais e da confiança nos parceiros. Também segundo os entrevistados é notado que a maioria não gosta de falar sobre IST/aids, e que se tiver confiança na sua ou seu parceiro não precisa se preocupar com preservativo, e quando o uso de preservativo entra na conversa gera desconfiança que leva pensar que um está traindo outro. Um dos entrevistados mostrou que em Moçambique falar de HIV/aids é como um tabu, e também mostrou que não se preocupa muito questão, as pessoas de fora preocupam mais ainda dos que vivem lá, relatou que aprendeu não fazer sexo antes do casamento na sua igreja e depois disso gera confia no matrimônio na relação conjugal porque quando tem só um parceiro não pode pegar HIV/aids só quando a pessoa tem mais de um parceiro, afinal para religiosos quem pratica sexo fora do casamento é filho do diabo.

Também outro entrevistado mostrou que confia na sua esposa porque são religiosas e confiam um no outro, não precisa usar preservativo na relação porque quando você é fiel não pega HIV, embora segundo ele tinha outras parceiras na maioria das vezes não usou preservativo para prevenir, mas nunca ficou doente e para ele preservativo separa casal e não é uma coisa natural ou não é uma coisa que vem de Deus e como pode existir prazer numa coisa dessas, e ele vê isso como comer uma fruta com casca (OLIVEIRA, 2016).

Pode se ver que alguns apontam que preservativos não é uma coisa segura pelo que ouvem, contém alguns furos nele e não dá para confiar totalmente porque é mais importante ter só um único parceiro que gera confiança onde não precisa usá-lo. É notório que às vezes tem várias informações passando nos canais eletrônicos, mas é difícil confiar neles, porque às vezes falam isso no outro, falam aquilo nas notícias, mas alguns relatam que tentaram usar umas vezes, mas não deram certo, pegaram alergia e incomoda bastante; e também demonstram que querem ter muitos filhos e será impossível com uso de preservativo, e acharam que HIV/aids são só algumas propagandas das empresas multinacionais que querem ganhar dinheiro ou lucrar (OLIVEIRA, 2016).

Por fim, alguns universitários moçambicanos demonstram que para falar de DST/AIDS, exige confiança e quando há confiança não precisa se preocupar com IST, o que deve se preocupar e com gravidez indesejada, mas com pílula do dia seguinte resolve tudo (OLIVEIRA, 2016).

De acordo com Na Bangna (2007), na sua pesquisa mostrou que os homens iniciam vida sexual mais precocemente do que as mulheres e apresentam maior número de parceiros sexuais na vida e sempre a maioria não usa preservativo na sua primeira relação sexual. Na sua pesquisa com escolares guineenses de 16 a 25 anos num total de 645 estudantes quanto

ao comportamento sexual, dos 645 estudantes 561 já iniciaram atividade sexual, principalmente os homens que iniciam mais cedo que as mulheres e alguns com vários parceiros sexuais, mais a maioria relata que usaram preservativos em vários das suas relações sexuais, somente 116 relataram que nunca usaram preservativos nas suas relações com afirmações de não disponibilidade ou parceiros não aceitaram devido à diminuição de prazer no ato sexual.

Existem também práticas socioculturais de risco como mutilação genital ou excisão feminina nas condições de higiene precárias que pode levar a infecções e também existe desconhecimento de prevalência de consumo de drogas (NA BANGNA, 2007). Essa prática ainda é comum em alguns países africanos de língua portuguesa; porém, mesmo sendo proibida, ainda acontece. Essa prática pode contribuir para o aumento de IST, especialmente HIV e outras infecções adquiridas por meio de contato com objetos contaminados.

A África Ocidental é considerada o epicentro da epidemia pelo HIV-2, que parece estar presente nessa região desde meados do século XX, com foco em países como Guiné-Bissau, Cabo Verde, também pode ser encontrado na Angola e Moçambique, países com contatos estreitos com Guiné-Bissau e Cabo Verde, principalmente por terem laços históricos (compartilham o mesmo colonizador). (NA BANGNA, 2007).

A escola é um espaço privilegiado para a intervenção, nas perspectivas de construção da saúde e de luta contra a epidemia HIV/aids, através dos programas de educação sexual, baseando-se nos comportamentos de risco e ao proporcionar aos adolescentes aprendizagem pessoal e social que lhes garantam melhor forma de prevenção e que poderiam levar uma vida sexual ativa, sem riscos de danos. Também é notório que a religião desempenha um fator de grande importância nesse quesito porque os praticantes da religião têm menor envolvimento nas práticas sexuais e não gostam muito de falar do assunto, alguns se absterem (NA BANGNA, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na reflexão apresentada neste trabalho, observou-se que universitários possuem conhecimentos mais sobre HIV do que outras IST, o que pode deixá-los mais vulneráveis a várias doenças sexualmente transmissíveis. Ainda assim, pelo grau que ocupam nesse cenário mundial, existem lacunas do conhecimento com base nas informações inadequadas baseadas em crenças errôneas, como transmissão do HIV por insetos, por beijo e uso da camisinha mais de uma vez.

No que refere à atitude e prática acerca das IST, o uso de preservativo ainda é visto como um tabu, pelo fato de que a maioria ainda não acredita na eficácia deste método preventivo. As práticas culturais também constituem um fenômeno muito preocupante nesse cenário. O casamento precoce, a poligamia e a mutilação genital ou excisão feminina podem aumentar o risco de contaminação por estarem relacionadas, respectivamente, ao início precoce da vida sexual, ao estabelecimento de relações sexuais com múltiplas parceiras e ao contato com material perfuro-cortante que pode estar contaminado.

Sendo assim, faz-se necessária a implementação de estratégias educativas direcionadas para o esclarecimento de crenças, mitos e tabus acerca das IST considerando o contexto cultural de países africanos de língua portuguesa. Essas estratégias devem ser implementadas não apenas no ambiente acadêmico, mas sobretudo em escolas, na mídia e com as famílias.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. A. L. et al.. **Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020**: abordagem às pessoas com vida sexual ativa. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 30, n. spe1, p. e2020628, 2021.

AZEVEDO, BDS et al.. **Análise da produção científica sobre doenças sexualmente transmissíveis e sua relação com a saúde escolar no Brasil**. *Educação em Revista*, v. 3, pág. 315–334, jul. 2014.

BARROS, A. S. X. Expansão da Educação Superior no Brasil: Limites e Possibilidades. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 36, nº. 131, p. 361-390, abr.-jun., 2015.

BONFIM, Elisângela Jessica Vera Cruz. **Origem e filogeografia do VIH-1 no arquipélago de São Tomé e Príncipe**. 2020. p. 87. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA E DESENVOLVIMENTO) - Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/116292/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20vr%20final.pdf>. Acesso em: 12 de Nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Programa Nacional de DST e Aids**. Brasília; Ministério da Saúde; 2008. 79 p. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/manual_prevencao_hiv_aids_comunidades.pdf. Acesso em: 20/09/2023

BRASIL. Ministério da Saúde. **Epidemia de VIH na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa**. 2018. Disponível em:

<https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/publicacoes/2018/epidemia-de-vih-nos-paises-de-lingua-oficial-portuguesa/view>. Acesso em 25/11/2023

CAMPO-ARIAS, A.CEBALLO, G. A.; HERAZO, E. Prevalence of pattern of risky behaviors for reproductive and sexual health among middle – and high-school students. **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 170-174, 2010.

CHAVES, A. F. L. et al.. Conhecimento, atitude e prática de universitários intercambistas africanos acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Escola Anna Nery*, v. 26, p. e20210455, 2022.

DE OLIVEIRA, E. A. **HIV/AIDS em Moçambique: Pensando gênero e saúde a partir de imagens hiv/aids in mozambique: thinking gender and health images from. Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 48, p. 39–57, 2017. DOI: 10.21680/2238-6009.2016v1n48ID11516. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/11516>. Acesso em: 5 dez. 2023.

MELO, LD de .; SPINDOLA, T. .; BRANDÃO, J. de L. .; TAROCO , FE .; FERNANDES , MTACN . Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis por estudantes universitários: reflexões à luz da teoria do conhecimento de Henssen. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento* , [S. l.] , v. 10, n. 2, p. e43110212735, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i2.12735. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12735>. Acesso em: 4 jul. 2024.

MARTINS, Jeizirlane de Vasconcelos Silva. **UMA REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**. 2013. 15 f. TCC (Bacharelado em Enfermagem), Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO. 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico. HIV/Aids |2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/boletim_epidemiologico_hiv_aids_-2022.pdf/view. Acesse em: 15/12/2022.

MOREIRA, M. R. C.; SANTOS, J. F. F. Q. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. **Escola Anna Nery**, v. 15, n. 3, 2011.

NA BANGNA , Cunhado.Na. **Características Sócio-Comportamentais Relacionadas ao Risco de Transmissão do HIV em escolares de 15 a 24 anos, na Guiné-Bissau**. 2007. 95 f. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007

NBUNDÉ, Davi Saba. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A AIDS E SEU TRATAMENTO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DOS ESTUDANTES DA GUINÉ-BISSAU NA UFSC**. 2014. Dissertação (Bacharel em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SILVA, Valentina Oliveira Fernandes Lopes da. **Conhecimento de estudantes universitários sobre a transmissão das IST/VIH-SIDA e o uso do preservativo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Departamento de Ciência e Tecnologia – DCT da Universidade de Cabo Verde, 2014.

SIMARIA, Alice Do Carmo. **Crenças de saúde e comportamentos sexuais de risco Face HIV/Sida em estudantes angolanos e portugueses.** 2002. Dissertação (Mestrado em psicologia da saúde). Instituto superior de psicologia aplicada, Lisboa, 2002.

TAVARES, Carlos Mendes. **Adolescência e anticoncepção: iniciação sexual e uso de métodos anticoncepcionais em adolescentes da Ilha de Santiago, Cabo Verde - África Ocidental.** 2009. Dissertação (pós-graduação em saúde pública) Faculdade de saúde pública, Universidade de São paulo, São Paulo, 2009.